O cativeiro como chave de leitura da Epístola aos Gálatas[1]

INTRODUÇÃO

Quando falamos em cativeiro pensamos imediatamente na ausência de liberdade. É estar na cadeia, na prisão, na penitenciária.

Este cativeiro pode ser de quatro paredes com grades, jaulas, calabouços, etc. Pode ainda ser um sistema de vida escravagista, no qual os patrões subjugam os empregados ao mais baixo nível humano, sem possibilidade de saírem do seu nível social e econômico e ascenderem na vida. Pode ainda ser um sistema de "pseudo-liberdade", onde um esquema ideológico amortece de tal modo as consciências humanas que, sendo satisfeitas algumas necessidades mínimas, as pessoas se dão por felizes.

Os gálatas do tempo de Paulo corriam o risco de estar sob um duplo cativeiro:

a) Sob o regime imperial romano, na época de Nero, quando toda aquela região da atual Turquia dependia econômica, política, cultural, militar e socialmente de Roma.

b) Particularmente os gálatas cristãos, após a evangelização de Paulo, sofreram uma "bateria ideológica" por parte dos cristãos vindos do judaísmo, correndo o risco de perderem o sentido da liberdade cristã e escravizando-se no legalismo mosaico-judeu.

1. Como o destinatário desta revista não é necessariamente um especialista em exegese, evitaremos as alusões metodológicas. Ao final, damos algumas referências bibliográficas.

É neste contexto de falta de liberdade que Paulo, ou de Éfeso ou de Corinto, escuta os clamores dos cristãos gálatas resistentes, apavorados com a adesão fácil dos outros à religião judaica e, por conseqüência, ao sistema de vida romano.

Paulo se acomodará ou enviará as chaves que abrirão a porta da penitenciária onde estão cativos os gálatas?

1. O COMEÇO DA CAMINHADA DOS GÁLATAS

Gálatas são os habitantes da Galácia propriamente dita (Galácia do norte).

A Galácia ficava onde hoje é a atual Turquia, ao sul do Mar Negro. Este território se tornou província romana no ano 25 aC, com uma população bastante misturada (gálatas, galo-gregos, gregos, romanos e uma menor porcentagem de judeus). São antigos pagãos.

Ali Paulo trabalhou durante a segunda e terceira viagens (At 16,6 e 18,23).

a) Como os Atos dos Apóstolos não falam nada sobre o começo das comunidades, temos que perscrutar a própria epístola. Em Gl 4,13-15 Paulo conta que por causa de uma doença ele foi obrigado a ficar na Galácia, e ali ele os evangelizou pela primeira vez. Ele diz também que, apesar do seu físico debilitado, os gálatas não o desprezaram. Ao contrário, ele foi assumido como se fosse um anjo ou Jesus Cristo, e que se fosse necessário dariam os próprios olhos ao doente Paulo (parece que ele teve um problema de vista; uma conjuntivite?). Aqui já vamos vendo o aspecto de ternura, do querer-bem que está na origem desta comunidade.

b) Em Gl 4,8 Paulo diz que antes da evangelização os gálatas eram escravos de deuses. A escravatura era muito bem conhecida na região da Galácia. O Império Romano a cultivava. Esses habitantes a sentiam na própria pele, pois o mercado de escravos era rotineiro. Certamente, na evangelização, Paulo conscientizava os gálatas (1,4) de que Cristo se entregou para os arrancar do mundo mau. O Império era a maldade personificada. Já vamos, neste momento, percebendo a força da opressão social, política e econômica a que estavam submetidos os gálatas. Em 4,8 se usa a expressão "escravos de deuses". Além da escravização a que aludimos, a ideológica – e por conseguinte religiosa – era massacrante. Por enquanto lembremos que estamos no tempo de Nero (esta epístola foi escrita mais ou menos no ano 57 dC) e o senhorio divinizado do imperador era universal. Além das crenças em outros deuses, provavelmente, Paulo, na convivência com os gálatas mostrava-lhes o aspecto escravizante das idolatrias a qualquer deus e também a César.

c) Possivelmente Paulo esteve duas vezes com os gálatas. Além da referência em Atos (16,6 e 18,23), Gl 4,13 alude a uma primeira vez em que esteve com eles. Supõe-se que Paulo voltou a se encontrar com os gálatas uma outra vez.

d) Percebe-se na epístola que Paulo trabalhou muito com eles a experiência da efusão dos dons do Espírito Santo (3,1-5; 6,1-8). É uma espiritualidade muito intensa.

2. COMO PAULO ACOMPANHOU A COMUNIDADE

Paulo esteve, pessoalmente, com os gálatas por duas vezes. Como fazia com todas as outras comunidades, ele a acompanhava através de correspondências. Conhecemos apenas esta "Epístola aos Gálatas" que está no cânon da Bíblia.

Essas comunidades da Galácia receberam o Espírito de Deus, porém sofreram para viver de acordo com Ele (Gl 3,1-4). Tiveram que experimentar, concretamente, a experiência da maturidade cristã (5,1-3).

Começaram a viver de um modo novo e diferente do sistema greco-romano e da lei do judaísmo. Estavam experienciando a libertação da idolatria (5,1; 4,8-9) e da lei mosaica (2,16-27; 3,5-13.19-24).

Nesta epístola Paulo fica muito nervoso quando, provavelmente em Corinto ou Éfeso, recebeu péssimas notícias sobre o comportamento dos gálatas. Adversários perigosos, estranhos à própria comunidade (judaizantes), surgiram na Galácia apresentando um outro evangelho (1,6), desfazendo a pregação de Paulo e apresentando os costumes da lei mosaica como absolutos para uma verdadeira vida. A fé dos gálatas estava abalada e eles se tornaram vulneráveis.

Temos aí a questão da *religio licita* (da religião lícita/permitida). A religião oficial do Império era a de Roma. Oficialmente, a única. Somente os judeus tinham a "religião permitida" com a condição de, no seu culto, pedirem ao Deus deles pelo imperador. Ora, por esta época os cristãos eram identificados com os judeus. Estes, particularmente um bom grupo de judeus convertidos ao cristianismo, continuavam, apesar da fé em Jesus Cristo, com um pé no judaísmo. Não conseguiram fazer a ruptura. Para os judaizantes era incômodo, principalmente na Diáspora (judeus dispersos pelo exterior), abdicar da "religião permitida". São esses senhores, semiconvertidos, que queriam os novos cristãos vivendo do mesmo modo como os judeus (obedecendo à lei dos judeus e deixando-se circuncidar). Claro! Não queriam ser perseguidos (6,12) por causa de Cristo. A questão é que, ao que parece, não realizaram a novidade profunda anunciada pelo Cristo, nem entenderam o mistério da cruz.

Isto provoca um sério conflito no interior das comunidades. Deveriam ou não se circuncidar? Seria melhor cooptarem a mentalidade da lei mosaica para fugirem das dificuldades com o Império? (6,12). Seria uma prudência política.

Paulo, nesta epístola, trata os gálatas de um modo muito duro, por se terem deixado levar pela pregação dos judaizantes. Paulo percebe que, por trás da questão se os gálatas devem ou não ser circuncidados, há um problema mais sério ainda: A pessoa humana alcança a salvação pela Lei mosaica ou pela graça de Jesus Cristo? Além disto, existe a questão do calendário religioso (4,1-10), que é um retorno aos deuses pagãos (4,8-10).

Paulo, consciente de sua responsabilidade e também da crise de confiança na sua pessoa, apela para a origem divina de sua missão apostólica. Através de questões que levam ao discernimento entre a lei e a liberdade procura abrir pistas para a crise de fé. Leva à reflexão para decidirem entre as obras da lei e a obediência à fé. Mostra, por fim, que da fé brota o amor serviçal (5,13). É aí que, no final, retorna o Paulo afetuoso e carinhoso como um papai que quer o bem dos filhos (4,19).

3. RETRATO DA COMUNIDADE DA GALÁCIA

Nesta epístola percebemos, a partir da reflexão teológica em 3,25-29, que é a fé que leva a tornar-se filhos de Deus. A comunidade foi existindo a partir da fé. A explicitação aconteceu no vestir-se de Cristo pelo batismo. Então, a comunidade precisa, daí, experienciar o igualitarismo que vem de Deus: "Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus".

Os gálatas são chamados a experimentarem a igualdade com os mesmos direitos porque têm o mesmo Pai e podem chamá-lo de Abba (4,6). Experienciam a "filhitude" divina e a herança, porque acabou a escravidão (4,7).

Esta gente, que conhecera na medula a escravidão, é convidada a viver, de fato, a fraternidade. Na evangelização paulina são conscientizados a entender e a superar todas as divisões na busca da igualdade. As discriminações devem ser superadas (3,28). As divisões e dominações eliminadas. Ser livres do sistema escravagista é a grande meta (5,13). Por isso, podem assumir a vivência do amor.

Por que os gálatas se empolgaram com o novo projeto? Eles, que viviam na idolatria (4,8), têm conhecimento do verdadeiro Deus. Experimentam a sua presença na comunidade, conduzindo-a à liberdade (5,1.13). Percebem que todos são convidados ao amor e ao serviço. Isto se dá na identificação com os pobres (2,10), e não no jogo de interesse dos poderosos. Isto provoca a perseguição (5,11). Enquanto evangelizam, os gálatas devem servir (5,13), carregando o peso uns dos outros (6,2), vivendo o ápice do diálogo (correção fraterna, 6,1) e praticando o bem para com todos (6,10). Isto era possível porque as comunidades eram convidadas a romper com os desejos da carne (5,16-17.19-21) e a viverem conduzidas pelo Espírito de Deus (5,16.22-25) em amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio. Vemos, pois, que a conversão dos gálatas foi fortemente marcada pela vivência do Espírito Santo (3,1-5) e pela formação da Palavra Viva (6,6).

4. CONFLITOS NAS COMUNIDADES DOS GÁLATAS

Na segunda viagem Paulo teve que ficar na Galácia por causa de uma doença, ao que parece, na vista (4,13-15). Durante este tempo ele evangelizou e fundou comunidades. Na terceira viagem, visitando e confirmando as igrejas, em Éfeso ou Corinto, é informado dos sérios problemas que estavam vulnerando os grupos cristãos da Galácia. Esta epístola exige de Paulo uma postura muito dura (4,20).

Quem eram os "gálatas"?

a) Eram somente ex-pagãos, ou seja, incircuncisos?

b) Ou eram judeu-cristãos circuncidados que queriam a circuncisão dos ex-pagãos?

c) Ou ainda, eram eles judeus convertidos da diáspora que nunca foram circuncidados e agora estavam sendo pressionados a se circuncidarem e aderirem totalmente à lei mosaica e ao judaísmo?

Não é possível, nem pelos Atos dos Apóstolos e nem pela epístola, dar uma resposta a estas perguntas. Certamente, ali na Galácia deveriam estar os três grupos com predominância dos ex-pagãos, aqueles habitantes do local.

E agora, quem eram os judaizantes?

Também aqui há três possibilidades:

a) Judeus circuncidados da Galácia e convertidos ao cristianismo.

b) Judeus não circuncidados e convertidos ao cristianismo, que são pressionados a se circuncidarem.

c) Judeus convertidos e, ao mesmo tempo, missionários itinerantes vindos da Judéia. Esta é a possibilidade maior.

Portanto, fique claro isto: Os judaizantes, estes adversários combatidos energicamente por Paulo, não eram fanáticos propagandistas judeus. Foram, porém, cristãos vindos do judaísmo. Possivelmente eram cristãos que não conseguiram fazer a adesão total a Jesus Cristo, particularmente, ao mistério escandaloso da cruz (5,11). A semiconversão fora ao Cristo, o Messias de Israel. Digamos, então, que os judaizantes, embora se afirmassem cristãos, continuavam com um pé na lei mosaica, particularmente, levando a sério a circuncisão, como um meio de "justificação" e de salvação (2,3.7-10; 5,2-3.6; 6,12-15).

Os conflitos fortes dentro da comunidade da Galácia eram causados pelos judaizantes.

Quais eram as pressões que estes senhores exerciam?

A) Mishna

Partamos daqui: No início, principalmente da parte dos convertidos vindos do judaísmo, as primeiras comunidades cristãs não se diferenciavam muito da religião mosaica. Até consideravam a Igreja primitiva o ápice do judaísmo. Assim, olhando na ótica destes judeus semiconvertidos ao cristianismo, é fácil compreender o seu apego ao passado.

a) *Lei* – Por que esta devoção à lei (*Torá*)? Foi no livro de Neemias (Ne 8) que o sacerdote Esdras promulgou a lei de Moisés fixando o sentido da palavra "lei" como os cinco livros do Pentateuco. Às vezes, em alguns momentos, por extensão, a torá chegou a designar toda a Escritura, porque a lei era o essencial.

Na Bíblia e na tradição de Israel temos momentos fulgurantes e belos da espiritualidade viva em torno da lei (Sl 19; 119; Eclo 17,9-11; 24,23-24; Baruc Siríaco 45,1-2, Pseudo-Filon, Targum Palestinense, etc.). (A acusação ao judaísmo de ser rigorista e legalista vem desta importância sem limites dada à torá).

Os quatro evangelistas colocam na boca de Jesus polêmicas fortes contra os defensores do legalismo. Paulo nesta epístola faz o mesmo.

Realmente, no tempo da Igreja primitiva estava em ebulição a elaboração da Mishna (o "Código do Direito Canônico" dos judeus ou o núcleo do Talmude – ciência da torá – ou, ainda, o evangelho do judaísmo). A origem deste código de leis vem do século II aC. Como a torá bíblica era palavra imutável de Deus, precisava-se adaptar e esclarecer a legislação mosaica aos novos tempos. Os peritos em leis (*soferim*) se dividiam em saduceus (interpretação mais ampla) e

fariseus (muito estritos). Com a destruição de Jerusalém os legistas saduceus desapareceram, ficando os fariseus com a condução do judaísmo. Estes legistas (os *tannaim*) elaboraram a Mishna num tempo de quatro gerações, que vem das discussões de antes de Cristo até o ano 200 dC, quando o Rabi Judah Ha-Nasi deu à Mishna a forma definitiva e oficial composta de 4187 parágrafos[2].

É neste contexto que os nossos judaizantes aparecem na região da Galácia, tentando mostrar aos cristãos dali que para serem do Cristo precisavam submeter-se a todas as leis do povo judeu. Para isso era preciso entrar no jardim da nova casa: submeterem-se à circuncisão.

b) *Circuncisão* – A circuncisão, conhecida por tribos primitivas da África, América e Austrália, também o fora no antigo império egípcio (ANEP 629 e ANET 326, sobre as múmias) que, provavelmente, a ensinaram aos israelitas. A força da circuncisão toma corpo em Israel após o exílio da Babilônia. Havia acontecido a dispersão dos israelitas e as estruturas políticas desmoronaram. Como sinalizar os valores do povo de Deus? Gn 17,9-14, que é um texto dos sacerdotes pós-exílicos, procura dar um significado teológico à circuncisão como sinal da aliança perpétua de Deus com Abraão e seus descendentes (confira Gn 17,23-27; Ex 4,25; 12,48; 44,7; Lv 12,3; Dt 30,6; Js 5,2-10; Jr 4,4; Lc 1,59; At 7,8; Rm 4,11).

Na resistência macabaica (167-164 aC) contra o sírio Antíoco Epífanes, que a havia proibido sob pena de morte, um dos valores renhidamente defendidos e que provocou martírio foi a circuncisão. 1Mc 1,60 e 2Mc 6,10 retratam-na como sinal do pertencer ao povo eleito. O livro dos Jubileus XV, 26-27 (125 aC) sacraliza de tal modo a circuncisão como sinal da pertença aos filhos da aliança que diz que até os anjos foram assim criados, associando assim os seres humanos à liturgia celeste. Em Qumrã (1 Qs V,8) a exigência da circuncisão era sagrada. O judaísmo da diáspora também dava toda importância a este ritual para os judeus e para os prosélitos da justiça.

Bem. No começo da missão aos pagãos – é este o tempo em que Paulo escreve aos gálatas – o problema vem fortemente à tona. É o tempo do núcleo antigo que vai dar origem à elaboração da Mishna. É uma época de muita briga em torno das leis.

É nesta situação vital que os judaizantes exigiam que qualquer pessoa, para ser "justificada" ou "salva", devia praticar a lei de Moisés (2,15-16; 3,1-5; 4,21; 5,3), particularmente a circuncisão (2,3.7-9.12; 5,2-3.6.11; 6,12-13.15)[3].

2. Mais tarde, em 1180, o espanhol-judeu Moisés Maimônides, talmudista, filósofo, músico, matemático e médico, escreve o *Comentário sobre a Mishna*, repartindo-o em 613 compartimentos (248 preceitos positivos e 365 preceitos negativos).

3. Chamo a atenção do leitor para a objetividade histórica da questão da Mishna. Teve seu momento importante, embora ambíguo, no judaísmo. Este artigo é um comentário de "uma situação vital" acontecida no tempo de Paulo junto a uma comunidade concreta: os gálatas. É preciso, por isso, evitar uma visão anacrônica que pode dar margens a qualquer anti-semitismo. Quer dizer: A radicalidade legalista não pode ser atualizada para os nossos dias. Ainda agora (20 e 26 de julho de 1994) vimos, aterrorizados, violências odiosas contra comunidades judaicas em Buenos Aires e Londres. Todo e qualquer preconceito ou discriminação (anti-semitismo, machismo, racismo, etc.) precisa ser rejeitado, terminantemente, em nome também do evangelho.

B) A questão sociopolítica e ideológica

Será que o conflito com o legalismo judaico estava apenas ao nível do religioso? Numa leitura ingênua ou desinformada isto pode parecer ser o que aparece no texto. Porém, não é só por aí que se deve ler a Epístola aos Gálatas.

Olhemos o contexto cultural, social e político deste povo, onde hoje é a atual Turquia. Esta epístola escrita mais ou menos no ano 57 dC encontra as comunidades que sobrevivem, às duras custas, dentro do Império Romano. É o tempo de Nero (54-68 dC).

Vimos anteriormente que os cristãos, no início, eram identificados como uma corrente dentro do judaísmo. Este, como religião, tinha um privilégio dentro do império.

Desde Júlio César (mais ou menos 45 aC), os judeus se beneficiaram de um estatuto privilegiado. A religião judaica passara a ser uma *"religio licita"* (religião permitida por lei). Eles podiam celebrar o sábado, ler o Antigo Testamento na sinagoga e esperar o "Messias". Podiam também fazer proselitismo. O prosélito era o temente a Deus, isto é, o não-judeu convertido ao judaísmo. Para isso, ele era obrigado a ser circuncidado. Os judeus, à diferença dos outros povos dependentes do Império Romano, não precisavam prestar culto ao imperador. A exigência romana a eles era de que deveriam oferecer um sacrifício a seu Deus (Yahweh) pelo imperador. Eram também autorizados a fazer uma coleta (imposto judeu) em todas as comunidades da diáspora para o templo de Jerusalém.

Aqui devemos começar a ver os conflitos mais fortes com os cristãos. Os judeus, por terem estas regalias, se aliam, conscientemente ou não, ao poder romano.

E os judeu-cristãos? Também se beneficiavam da "religio licita". A religião imperial centralizada no culto à "deusa Roma" e ao imperador devia ser aceita por todos os povos dominados. Caso contrário, havia uma repressão muito dura. Estes judeu-cristãos entram numa encruzilhada. Para onde ir? Qual é a estrada certa? Se, como cristãos, estes judeus tomassem a estrada dos convertidos pagãos (caso típico é a comunidade de Tessalônica) e se diferenciassem da religião judaica, poderiam ser considerados uma "outra religião". E atrairiam sobre eles a possibilidade de perseguição (Gl 6,2).

Estamos vendo que a pregação destes judaizantes vai muito mais além de briguinhas intestinas por causa de doutrinas. Há uma dimensão política e ideológica forte.

Se fossem vistos como uma mera ramificação do judaísmo, não teriam problemas com Roma. Estavam dentro do esquema. Se, ao contrário, Roma não os visse dentro do padrão da "religião permitida", seriam considerados perigosos e seriam "procurados".

Estes judaizantes percebem que a figura de Paulo era perigosa e os desinstalava. Vão, então, nas pegadas de Paulo (2,4) para fazerem uma contrapropaganda. Este "apóstolo" é perigoso e proclama a cruz de Jesus (5,11; 6,11). Não! Este esquema revolucionário não servia para os judaizantes de jeito nenhum.

Por isso, é preciso ideologizar fortemente. Acusam Paulo de não ser apóstolo – mas ele se defende (1,1.11-12) – e, fortemente, usam a questão da lei e da circuncisão como argumento de porta de entrada para a "justificação" e

salvação. Seria realmente isto, ou a pregação da lei era um modo de se manterem com o pé na "religião permitida" e assim não serem molestados pelos romanos?

Diante desta contrapregação dos judaizantes, os cristãos da Galácia têm a fé estremecida (3,1-5) e são argüidos duramente por Paulo. O conflito e a tensão na comunidade se tornavam chocantes. Eles têm que optar: ou se apegavam à lei – modo de existirem coniventes ao sistema romano –, ou se definiam pela liberdade do espírito do Evangelho (5,1.13.22-25).

5. O CATIVEIRO COMO CHAVE DE LEITURA

A) Legalismo judaico no tempo da Igreja primitiva

A base desta reflexão são os quatro evangelhos. Sabemos que, no confronto com os grupos rigoristas judeus, os evangelistas e suas comunidades não tiveram dúvida em jogar todas aquelas polêmicas para a boca de Jesus, que vivera alguns anos antes.

Relembremos também que, como vimos acima, a Mishna (ciência da torá), elaborada pelo ano 200 dC, teve quatro estágios de elaboração. O primeiro estágio é o tempo de antes, durante e logo depois de Cristo. Quer dizer, no tempo dos evangelistas as discussões são "apimentadas" em torno da lei.

Parece, aos olhos das comunidades primitivas, que a lei era uma "penitenciária" para o povo. A religião judaica, uma má interpretação da lei de Deus (Mt 23,23-24), era um peso insuportável. Não havia possibilidade de vida. Peguemos alguns exemplos:

a) *Próximo* – No livro da lei = torá (Lv 19,18) se pede para "amar o próximo como a ti mesmo". Nos evangelhos temos a narração de que os legalistas queriam delinear quem era o "próximo" (Lc 10,29-32). A sociedade foi, então, dividida em próximos e não-próximos. Quem não fosse próximo (estrangeiro) não precisava ser amado.

b) *Sábado* – Na lei (Ex 20,8-10) se pedia para santificar o sábado e que não se trabalhasse neste dia. Os nossos legalistas criaram uma "psicose" em torno disso, a tal ponto que até fazer o bem era perigoso (Jo 5,8-11; 9,14-16; At 1,12) e proibido. Não se podia colher espigas neste dia (Mc 2,23-26); a cura não podia ser realizada (Lc 6,6-10; 14,1-6); o leito não podia ser carregado pelo ex-paralítico (Jo 5,8-10); Jesus não podia fazer lama para curar o cego (Jo 9,14-16). O homem estava feito, nesta concepção, para o sábado (Mc 2,27). Acusavam, com ódio, Jesus por não observar este dia (Jo 9,16).

c) *Templo* – Na torá havia uma orientação (Dt 16,16) para as celebrações das grandes festas dos hebreus. Porém, o culto e o templo passaram a ser também um local de opressão, por parte dos sacerdotes, para aquela gente. Absolutizaram o templo. Enquanto exigiam do povo a presença nas romarias, o cumprimento das leis cultuais, em vez de local de encontro na casa do Pai fizeram dele um covil de ladrões, um antro de fiscais e cobradores de impostos (Jo 2,14-15). Na verdade, o templo sustentava o sistema escravagista romano e ao mesmo tempo era o dinamizador do tributarismo judaico.

d) *Puro x impuro* (Lv 11) – O sentido inicial da pureza era interessante. Mais do que a questão da higiene, a lei da pureza apontava para a preservação da vida. Se alguma coisa a ameaçasse, particularmente na questão da saúde, era impuro.

A tradição dos antigos falava de um conjunto de "preceitos e costumes" a este respeito. Os rabinos os acrescentaram à lei de Moisés, afirmando que vieram dele por via oral: lavar as mãos (Mc 7,5), proibição de tocar nos leprosos (Mc 1,41) e outros doentes (Mc 7,25), obrigação de se aspergirem após virem do mercado (Mc 7,4), proibição de tocar em objeto estrangeiro e/ou dinheiro (Jo 18,28), relacionar-se com samaritanos (Jo 4; Mt 10,15), cobradores de impostos (Mt 9,10-13), publicanos (Lc 15,2), vendedores, alimentar-se de porcos (Mt 8,28-34), etc. Abandonavam os legistas o mandamento de Deus (amor) e se apegavam às tradições dos homens (Mc 7,8.13-23). O duro nisto era mais ainda o problema com os pagãos e/ou estrangeiros. Os pagãos eram considerados pessoas imundas. Para não se contaminar com eles era preciso se afastar. Se se contaminassem, tornavam-se distantes de Deus. Sentar-se à mesa, para a refeição, nem pensar!

O pior da questão "do puro e do impuro" era a estratificação que provocava na sociedade. Se o templo apontava, claramente, os grupos sociais, à medida que participavam ou não do comércio e do processo produtivo, a lei do "puro e impuro" fazia acepção das pessoas na sociedade: "Vocês são impuros!" Quem eram estes? Os excluídos e marginalizados: pobres, doentes, samaritanos, escravos, mulheres, pagãos e/ou estrangeiros (pobres).

e) *Perfeitos e imperfeitos* – A lei era excludente e divisionista. O fariseu era perfeito, o publicano não tinha salvação (Lc 18,9-14). Os samaritanos estavam fora de cena (Jo 4,7; Lc 10,29-37). As prostitutas e pecadores públicos eram rejeitados (Mt 21,27). Enfim, na prática a lei eliminava os miseráveis: leprosos (Mt 8,2-4; Lc 17,12.14), doentes (Mc 3,1-5), mulheres (Lc 8,1-3), povo humilde (Mt 11,25-26), cegos (Jo 9), coxos (Mc 2,1-12), adúlteras (Jo 8,2-11), mendigos (Lc 16,19-31), etc.

Em nome da lei os fariseus e escribas julgavam quem comesse com pecadores (Lc 15,1-2; Mt 9,10-13) e se julgavam justos (Lc 15,2; 19,10). A lei criava a distinção entre bons e maus, entre observadores da lei e "este povo, que não conhece a lei... São uns malditos!" (Jo 7,49).

f) *Mulher* – A mulher também era excluída. Era posse do pai e, quando casada, do marido. Não participava da vida pública. Seu lugar era em casa. Formação: apenas trabalhos domésticos, fiação, costuras. Não tinha direito de ir à escola. Em casa lavava as mãos e os pés do pai e/ou marido. No templo e na sinagoga elas ficavam separadas dos homens. Só ouviam. Ir às peregrinações era obrigação só dos homens. A mulher estéril era considerada desonrada (Gn 30,23; 1Sm 1,5-8; Os 9,11; Lc 1,25). Ela não recebia herança. Só o dote, no momento do matrimônio, ao ir morar com a família do marido. Só o homem podia se divorciar, por qualquer motivo (Dt 24,1; Mt 19,1-9). Também ele podia ter outras mulheres. A abandonada, ou voltava para casa do pai ou se prostituía.

E no Talmud (escritura não-sagrada dos judeus onde está a Mishna) se lê sobre a mulher: "Quando um menino vem ao mundo, vem a paz; quando vem menina, nada vem"; "que as palavras da torá sejam queimadas, mas não sejam transmitidas às mulheres". Vemos assim que a religião judaica, base da existência

daquele povo, portadora de vida, tornou-se discriminatória e portadora da escravidão.

A Igreja primitiva, acompanhando os passos do ressuscitado, fazendo memória das atitudes de Jesus de Nazaré, diante de tanta imposição descabida, do cativeiro legalista do judaísmo, reage com energia. Ela percebe que, se se acomodasse, morreria. É neste cativeiro do rigorismo rabínico que ela, com fé e determinação, destrói as cadeias. Ao perceber o poder opressor e as suas mediações duras, especialmente a lei mosaica, rompe decididamente com ele. Tem clareza que a partir de Jesus o velho sistema se desmoronou (Mt 12,1-7), que suas lideranças eram perversas (Mt 16,1-12) e podiam corromper a gente (Lc 11,37-54). É neste sentido que esta Igreja primitiva compreende que Jesus veio formar um novo povo de Deus, formado dos excluídos e oprimidos de Israel juntamente com os estrangeiros: uma comunidade que desfaz as correntes do poder dominador e cria uma nova aliança baseada no serviço, na partilha e no amor (Jo 13).

B) Judaizantes, Igreja de Jerusalém e Roma

Vimos antes que a comunidade caminhava. Tinha experimentado a riqueza da fé (4,1-3) e a fraternidade (5,1.13.19-21). Havia abandonado a idolatria (4,8) pela novidade cristã. E agora?

Há, conforme a epístola, um retorno ao cativeiro. Paulo, com profunda tristeza, diz que os gálatas "se desligaram de Cristo e se separaram da graça" (5,4). Os judaizantes infiltraram-se nas comunidades e exigiram deles a lei mosaica. Para isso, em primeiro lugar eram obrigados a se circuncidarem, ou seja, a se tornarem judeus. Deveriam entrar no velho sistema que já havia sido desmoronado por Jesus: isto é, submeter-se à prática das leis dos judeus (Mishna) para serem justificados. É esta epístola um questionamento sério ao regime da escravidão a que foram submetidos os gálatas. De novo, exatamente o contrário da vida da humildade na fraternidade, os gálatas revivem a experiência da "penitenciária". Foram retirados da liberdade (5,1.13) e, sem perceber, encadeados. Vão, como os judeus, se orgulhar das "obras da lei". Vão querer cumprir "obrigações". Vão contabilizar "boas obras" para assegurar a salvação. Irão querer fazer de Deus um "devedor" deles, porque adquiriram créditos. Estavam "justificados". Eram dignos de "méritos". Este tipo de lei é maldição (3,13), não comunica a vida (3,21). Portanto, coloca no cativeiro. Ela é imperativa, categórica, imposta, determinista, porque são regras que precisam ser cumpridas. Ela distorce a imagem de Deus. Ela cataloga o irmão. Então, quem "faz o dever", além de se ufanar, tornar-se vaidoso, cria uma "falsa segurança" e cai numa experiência julgadora (Lc 15,1-2), colocando-se superior aos demais (Jo 7,49). Aí, por conseguinte, critica o outro pelo que ele "faz" e não pelo que ele "é", fazendo acepção de pessoas (2,6), tornando-se um exímio individualista. O legalista (neste sentido) é incapaz de conviver numa comunidade. Mesmo quando "faz" caridade, pratica-a por obrigação, para garantir a "justificação".

Quem pensa que já está "justificado" tem uma postura de auto-suficiência, ambição, prepotência. Fica soberbo, aliena-se, endurece o coração, perde a possibilidade de amar (Lc 10,29-37).

Aqui "entre nós": Além desta escravização, este casuísmo legalista deve ser uma "chatice". Desestrutura a si próprio e esculhamba os outros, porque se torna massificado, robotizado, mecanizado. Perde a generosidade desinteressada.

Se de um lado, neste formalismo rigorista exagerado, a pessoa se considera "perfeita, justa e santa", por outro lado ela pratica a lei por "medo". Se não a cumprir, aterroriza-se com a "punição".

Em tudo, onde há imposição, começa-se a viver ao nível da opressão. Os judaizantes estavam neste nível. Criaram uma trilogia situacional: legalismo, sectarismo e fechamento.

Circuncidarem-se significava a volta ao cativeiro. Seria dizer: "Eu topo a parada! Eu aceito o judaísmo e suas centenas de leis. O Cristo foi um profeta 'a mais'. Deus tem que me 'justificar' porque eu cumpro a lei e faço boas obras"! (5,2-4).

Como no Antigo Testamento os hebreus clamaram a Deus contra o Egito opressor, os resistentes da Galácia gritam ao apóstolo, lá longe, que os socorra, porque o cativeiro voltou.

Paulo, em nome de Deus, proclama o Evangelho (1,16) – anúncio – chama-os de insensatos (3,1) – denúncia – e faz memória da vida no Espírito que eles tiveram.

Lembra-lhes que de um lado há a força do Espírito que leva à liberdade e, de outro, a falsa segurança que a lei traz leva os gálatas novamente à escravidão. O grito de Paulo: "insensatos" (sem juízo!) é o incorformismo de quem não pode admitir que uma comunidade livre volte ao cativeiro. Os gálatas, com tão pouco tempo de evangelização, se acomodaram e preferiram as palavras "amortecedoras" dos judaizantes que se instalavam no vale do sistema romano (*religio licita*) e da religião judaica sem compromisso.

Circuncidando-se, os gálatas perderam o Cristo como foco de decisão. Claro! Foram obrigados a viver um outro projeto. Perderam de vista a justiça e se separaram da graça (5,2-6).

Na raiz dos judaizantes está a defesa de interesses de uma minoria.

Gl 2: Uma síntese da possibilidade do cativeiro ou ainda: o poder quer engolir o carisma

Este capítulo se situa dentro do texto chamado "apologia de Paulo" (Gl 1,11–2,21). O capítulo 2 é subdividido em três partes:

a) 2,1-10: A conferência de Jerusalém.

b) 2,11-14: O conflito de Antioquia.

c) 2,15-21: O verdadeiro evangelho.

Neste cap. 2 Paulo diz que subiu com Barnabé e Tito para Jerusalém, a fim de expor como eram evangelizados os gentios. A questão nevrálgica que se apresenta é a forte tensão que sofriam os helenistas (Paulo à frente deles) por parte dos judaizantes. Estes exigiam dos cristãos, vindos do mundo gentio, a circuncisão.

Na primeira parte (2,1-10) Paulo afirma que esta problemática fora resolvida quando as colunas de Jerusalém (Tiago, Cefas e João) estenderam a mão aos gentios em sinal de comunhão. Os helenistas pregariam aos gentios, e as colunas para os judeus da Palestina. Uma coisa, entretanto, ficou comum para toda a Igreja: a solicitude para com os pobres.

A bomba explode, a partir da incoerência de Pedro, na segunda parte (2,11-14). Vindo a Antioquia (gentios), Pedro parecia ter-se inculturado, sentando-se à mesa com os gentios. Estava sendo realizada a comunhão da mesa: a realização da utopia cristã. Todas as diferenças estavam superadas. Judeus e gentios partilhavam a mesma vida. A lei do puro X impuro fora extinta.

Que nada! Chegando a Antioquia, vindos de Jerusalém, os judeu-cristãos (circuncidados e apegados à tradição mosaica) levam Pedro a retornar ao passado. Ele retrai-se com medo dos circuncisos e se comporta com ambigüidade. Paulo, porém, com veemência, pela verdade do evangelho, denuncia a hipocrisia de Pedro e de todos os que aderiram ao seu comportamento.

Na terceira parte (2,15-21) Paulo proclama que o homem não se justifica pelas "obras da lei", mas pela fé em Cristo Jesus. Aí ele testemunha o verdadeiro evangelho identificando-se com Cristo (2,20).

Este cap. 2 reflete as situações das primeiras comunidades cristãs: de um lado, judeus da Palestina convertidos, porém presos ao rigorismo judaico. De outro, os helenistas, os prosélitos e os gentios convertidos ao cristianismo.

A serenidade de Paulo é perturbada porque "alguns" (1,7) judeus estão perturbando e corrompendo o evangelho. São "intrusos" espiões que querem destruir a liberdade cristã (2,14). Parece haver também uma referência aos apóstolos de Jerusalém (os "notáveis" não são eles?).

Vemos aí dois esquemas de condução da Igreja:

(A) Esquema de poder	*(B) Esquema do carisma*
a) As colunas (Cefas, Tiago e João) os notáveis – seriam os apóstolos?	a) Paulo, Barnabé e Tito (autoridades da margem)
b) Circuncidados (espiões)	b) suas comunidades; os incircuncisos (marginalizados)

O esforço de Paulo é no sentido de derrubar o esquema (A). Para ele as comunidades têm livre acesso a Deus.

Percebemos aqui (mais ou menos no ano 57 dC) situações profundamente conflitantes:

I) Está claro que estamos com dois modelos de igreja:

a) Aquela que continua o judaísmo quer submeter os helenistas e gentios ao jugo da lei e não quer perder as regalias do judaísmo.

b) A Igreja dos gentios, da liberdade (2,4; 5,1.13).

II) Dois modos diferentes de ver o Cristo:

a) O Cristo da Igreja de Jerusalém "aprova" a separação da mesa? (2,11-14).

b) O Cristo da Igreja dos gentios é partilha: "todos vós sois um só em Cristo Jesus" (3,28).

III) A Igreja de Jerusalém, na prática, reedita a lei do "puro X impuro". É a famosa discriminação da "mesa". Gentios são impuros; por isso não comem com os judeus. Isto tem implicações sérias no quotidiano sacramental, na Eucaristia. No início, ela não estava separada das refeições diárias. Separar os gentios da mesa dos judeus significava ter duas eucaristias diversas. Cristo estava partido? Além disso, como ficariam as comunidades pobres que não tinham quase nada para colocar à mesa? A tensão econômica emerge aí.

IV)

a) A Igreja de Jerusalém teria dificuldades para romper com o judaísmo, porque este, historicamente, tinha suas regalias religiosas, políticas e econômicas: a *"religio licita"* concedida por Roma.

b) A Igreja dos gentios não tinha regalias e se expunha, com facilidade, à possibilidade de perseguição (autoridades judaicas e, mais tarde, romanas).

V) O esquema econômico do judaísmo (impostos ao templo) é copiado, quase inconscientemente, pela jovem Igreja de Jerusalém. Esta reivindica a coleta. Enquanto persistir a lei do puro-impuro, Jerusalém pode manter a diferença econômica. As "obras da lei" vão além do cumprimento dos mandamentos. Também os impostos entram aí.

VI) Finalmente temos a questão do "jogo do poder" onde Pedro foi infeliz em Antioquia (2,11-14). Aí houve a vitória da "verdade do evangelho", do carisma comunitário sobre a política do poder.

6. COMO SAIR DO CATIVEIRO: ESPERANÇAS

Certamente Paulo, estando em Éfeso ou Corinto, ouviu os clamores dos inconformados com a situação reinante na Galácia. Certo! Alguns nunca aceitaram a imposição dos judaizantes, e gritam a Paulo. Este é apóstolo. É evangelizador. É em nome de Deus que ele, após tanta indignação, aponta para uma saída do cativeiro. Há uma chave na porta da grade. Quem pode girá-la e destrancar a prisão é Paulo, ou então, os resistentes da Galácia que não entraram no "esquema dos judaizantes". Ou melhor, Paulo de longe como mentor e os fiéis da Galácia girando a chave: conscientizando-se da necessidade do retorno à liberdade (5,1.13).

Em 2,4 ele disse: "por causa dos intrusos, esses falsos irmãos que se infiltraram para espiar a liberdade que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzir à escravidão".

"Intrusos" ou "falsos irmãos" invadiram e se intrometeram na comunidade. É interessante que Paulo não os chama de "irmãos", mas de "falsos irmãos". São espiões. Nós sabemos o que fazem esses grupos: em geral são agentes secretos que se misturam ao adversário e/ou inimigo, camufladamente, para espiar e fornecer informações à entidade ou organização para a qual trabalham. Como vimos acima, esses judaizantes eram "cristãos judeus". Não sabemos se eles estão

a serviço da Igreja de Jerusalém que ainda não rompeu decididamente com o judaísmo, se a serviço de judeu-cristãos ortodoxos que estão no exterior, ou se trabalham para si próprios com receio de perder as regalias e vantagens da *"religio licita"* e, assim, escapar do perigo da perseguição.

Se são espiões, a situação se complica. Todo grupo resistente, em tempos conflituais, quando detecta a presença de espiões se torna precavido, intranqüiliza-se, muda de tática. Há uma perturbação interna. O grupo pode se desestabilizar e aqueles que não têm o projeto claro podem ou afastar-se ou trair os companheiros. Foi o que aconteceu com a comunidade da Galácia.

Paulo, que se mostrou aberto ao grupo dos judeu-cristãos em outras oportunidades (1Cor 7,17-18; 1Cor 9,20), não agüenta a prepotência com que estes espiões destroem a figura do evangelizador Paulo e impõem um modo de viver judaico a cristãos vindos de outras culturas e mentalidades. A liberdade cristã, aquilo que é o cerne do cristianismo, corre perigo. A liberdade neste projeto anda de mãos dadas com a comunhão. Os espiões quebraram-na arrogantemente. Não há Evangelho aí.

O que acontece? É o cativeiro dos gálatas. Os "falsos irmãos" estão "escravizando" a verdadeira comunidade. Já são os frutos estragados provenientes da árvore da circuncisão imposta.

Paulo aponta a chave para abrir a porta do cativeiro, falando da "liberdade". Detalhe: "liberdade em Cristo Jesus"! Foi ele quem no-la deu (5,1.13). Quem pelo batismo (3,26-29) aderiu a Cristo, vive na liberdade porque é filho de Deus.

Os gálatas agora recebem, por correspondência, num envelope a chave para abrir a penitenciária escravizadora. Precisam pegá-la e, juntos, abrir a porta. É o esforço para romper, galhardamente, com os judaizantes e aderir de novo à sua vocação de liberdade, na comunhão, caminhando na mentalidade do Espírito de Deus.

Em 5,1.13 temos a justeza da chave: Cristo nos libertou para a liberdade ou nos libertou verdadeiramente porque somos filhos da livre (4,31). Os cristãos são chamados à liberdade.

Nos capítulos 5–6 ele vai nos mostrar como discernir a liberdade cristã da ausência de qualquer compromisso. "Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne" (5,13). Nestes dois capítulos Paulo antepõe o binômio carne e espírito para que os gálatas compreendam que a liberdade acontece numa existência conforme o Espírito de Deus: 8 vezes: *carne* (sarx) 5,13.16.17a.17b.19.24; 6,8a.8b; 11 vezes: *espírito* (pneuma) 5,5.16.17a.17b.18.22.25a.25b; 6,1.8a.8b.

Vemos aí que há a *antivida*, que provém da carne, produzindo frutos podres. E há a *vida* que provém do Espírito, que produz frutos bons.

"As obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdias, divisões, invejas, bebedeiras, orgias... os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus" (5,19-21).

Realmente, neste contexto, a comunidade se encarcera.

Há aí um tríplice *desencontro*:

a) *Consigo mesmo*: bebedeiras e orgias.

b) *Com o outro*: fornicações, impureza, libertinagem, ódio, rixas, ciúme, ira, discussões, discórdias, divisões, invejas, etc.

c) *Com Deus*: idolatria e feitiçaria.

Quem não faz o "encontro" (*apanthesis*) não herdará o Reino de Deus (5,21), porque está numa existência inautêntica. "Carne" para Paulo é este tipo de existência que leva a pessoa a querer se fazer por si própria entregue às suas forças sempre limitadas e fracas.

Há, porém, o "Espírito", que produz frutos bons, gerando a vida. "Os frutos do Espírito são amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio... Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos" (5,22-24).

Aqui, nos frutos do Espírito, vemos um tríplice encontro:

a) *Consigo mesmo*: autodomínio.

b) *Com o outro*: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, mansidão, etc.

c) *Com Deus*: fidelidade (fé).

Vamos vendo que a liberdade cristã vai se encontrando com o amor como se fossem os rios Araguaia e Tocantins. O encontro destes dois, no bico do Papagaio, é algo esplendoroso. A liberdade cristã e o amor evangélico são também esplêndidos porque espelham a presença de Deus numa comunidade viva. Esta é denominada em Gl 5,13 de "irmãos", termo desconhecido pelo Império Romano. Os irmãos vão compreendendo a liberdade como:

1) Vocação: "Irmãos, vós fostes chamados à liberdade".

2) Esta se concretiza na comunidade igualitária (3,28), vivendo intensamente o amor (5,14).

3) Concretiza-se também na ajuda mútua: "colocai-vos a serviço uns dos outros" (5,13c). Longe de encarcerar a pessoa na auto-suficiência, a liberdade entrega a pessoa aos outros. Quando há amor, vê-se o lado humano do outro.

4) Isto é possível porque os livres em Cristo se compreendem numa dimensão filial (4,4-7) e chamam a Deus de Abba (4,6).

5) É importante que os "irmãos" vivam a intensidade da liberdade, porque ela caminha sob o impulso do Espírito Santo (5,25), e lá onde está o Espírito do Senhor ali há a liberdade (2Cor 3,17).

Quer dizer que os gálatas, ao receberem o envelope enviado por Paulo, retiraram a chave que devia abrir a porta da penitenciária. Ao fazê-lo, manifestou-se a liberdade plena.

Quando desvelaram a possibilidade de serem totalmente livres, perceberam que a liberdade é amor radical ao próximo: "Toda lei se cumpre numa só palavra: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (5,14). Compreenderam que ser livres não significa ausência de obrigações, porém a busca do serviço ao irmão.

Entenderam que a liberdade é amor e que este vem da fé (5,6) e que, ainda, o amor é "fruto do Espírito" (5,22).

Longe de pensar a liberdade como um modo de viver segundo "a carne", os gálatas, abrindo a porta do cárcere, ficaram libertos do "jugo da escravidão" (5,1), entrando no clima de "serviço", pelo amor que une entre si os que crêem em Cristo: eis aí a verdadeira liberdade cristã. Esta é inesgotável, porque provém do Espírito.

Pronto! Está agora tudo claro. Ao se vestirem de Cristo (3,27) compreenderam que, além do amor e serviço, a liberdade conduz à igualdade: "Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (3,28).

É um novo modelo de vida desconhecido e/ou rejeitado pelos judaizantes e o sistema Imperial Romano. Na liberdade cristã igualitária está encerrada a discriminação: desaparecem as diferenças religiosas. Não tem mais importância ser batizado judeu ou estrageiro. A posição e distinção social não tem mais valor. Agora a mulher também tem acesso à salvação. O projeto original de Gn 1,27 se estabelece: mulher e homem recuperam a dignidade por causa da adesão a Jesus Cristo. O estilo de submissão da mulher (Gn 3,16) e a postura dos legalistas no tempo da Igreja primitiva) são abolidos. O cristão é um novo ser em Cristo.

CONCLUSÃO: AS CONSEQÜÊNCIAS DA LIBERDADE CRISTÃ

"Não é fácil ser cristão", diz sempre o nosso povo. Os gálatas resistentes entenderam o modelo de vida apresentado por Paulo, descobriram que a liberdade cristã desemboca no amor e que este se enriquece no serviço partilhado e no igualitarismo. E agora? Tudo encerrado?

De modo algum. Numa sociedade escravagista como era a romana, ou no judaísmo sectário como o do século I da nossa era, alguém propor o modelo de Gl 3,28, isto é, "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus", era ficar "marcado para morrer".

Quer dizer que Paulo ajuda a abrir a porta do cativeiro do legalismo judaico para a liberdade cristã e, possivelmente, abrirá um caminho para o martírio? É complicado; porém, é por aí. Compreendendo que o mártir é o que "dá testemunho", então Paulo encaminha a comunidade para isto.

Não nos esqueçamos que o Paulo convertido "transpirava o Evangelho pelos poros", e por causa de Jesus Cristo e do seu Reino, que é de justiça, liberdade, amor e paz, ele era capaz de tudo: até de dar a vida.

Ao enviar as chaves da porta do cativeiro aos gálatas, ele não iludiu ninguém. Apresentou a liberdade cristã como o ápice de tudo, e ao mesmo tempo mostrou as conseqüências: são as bem-aventuranças da perseguição por causa da justiça (Mt 5,10-11).

Quem quiser seguir Jesus Cristo correrá o risco de ir para a cruz com ele. Jesus "me amou e se entregou a si mesmo por mim" (2,20b). Paulo apresenta a doutrina da redenção pela morte e ressurreição de Jesus como base da fé (1,1-4;

3,1; 6,14). A crucificação de Jesus levará Paulo ao martírio, bem como uma legião de cristãos que compreenderam o que é a luta pelo reino.

Paulo, portanto, não enganou os gálatas. Conta que "outrora perseguia" os cristãos (1,23). Entretanto, após sua mudança radical, compreendendo que "Cristo se entregou por nós" (1,4) e por ele (2,20b), aí sim foi "crucificado junto com Cristo" (2,19). Ele mostra a liberdade cristã atraindo sobre si a perseguição: "Por que sou ainda perseguido?" (5,11). Ele não tem receio de apresentar "o escândalo da cruz" (5,11b) e chama os gálatas à consciência crítica para entenderem que "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos" (5,14), organizando-se comunitariamente, "carregando o peso uns dos outros" (6,2), e praticando "o bem para com todos, mas sobretudo com os irmãos na fé" (6,10). Alerta os gálatas para não se deixarem influenciar pelo falso projeto de quem quer "fazer boa figura" (aparecer) "só para não sofrer perseguição por causa da cruz de Cristo" (6,12).

Com o pé no chão, para estimular os gálatas, Paulo diz que "não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (6,14). E arremata que "trago em meu corpo as marcas de Jesus" (6,17). Em outros momentos Paulo conta como a perseguição tenta abafar a liberdade cristã (2Cor 4,7-10; 6,4-5; 11,23-28; Cl 1,24).

Ou se é livre ou não se é. Mesmo sofrendo tribulações, mesmo estando preso, torturado, correndo o risco de ser assassinado, o cristão quando se identifica totalmente com o Reino de Deus, se esta perseguição é por causa da justiça, do amor, da paz e da liberdade, se nestes momentos atrozes ele "vê" o ressuscitado (Ap 4–5), então ele é absoluta e totalmente livre. Não há cativeiro que amarre o crucificado com Cristo.

BIBLIOGRAFIA

BORTOLINI, José. *Como ler a Carta aos Gálatas*. Edições Paulinas, São Paulo, 1991.

COTHENET, E. *A Epístola aos Gálatas*. Edições Paulinas, São Paulo, 1985.

GIAVINI, G. *Gálatas, liberdade e lei na Igreja*. Edições Paulinas, São Paulo, 1987.

MAIMON, Moshé Ben. *Os 613 mandamentos*. Nova Stella, São Paulo, 1990.

SCHLIER, Heinrich. *La Lettera ai Galati*. Paideia, Bréscia, 1966.

VANNI, U. *Galati*. E.P., Roma.

Joel Antônio Ferreira
Caixa Postal 12918
74643-970 Goiânia, GO